

Análise de uma narrativa tipicamente laboviana e do processo de construção de identidade da narradora

Flávia da Silva Pereira Albuquerque Oliveira (PUC-Rio)*

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar uma narrativa a partir de uma perspectiva sócio-interacional do discurso, tomando como base principal as categorias da estrutura clássica laboviana e entendendo narrativa como uma prática social que faz parte da nossa vida cotidiana e representa nesta uma importante forma de construção da realidade, assim como de nossas identidades. A narrativa hoje é entendida por muitos pesquisadores da sociolinguística e de outras áreas como forma fundamental de construção, reconstrução e interpretação da realidade pessoal, social e cultural. Sob a luz de conceitos teóricos do sócio-interacionismo, esta pesquisa de cunho qualitativo, realizada através da gravação e transcrição de uma conversa, analisa uma narrativa tipicamente laboviana contada em uma situação espontânea, assim como a interação dos participantes com a narradora e, como esta, ao contar tal narrativa, constrói a sua identidade.

1. Introdução

Os dados e a transcrição da narrativa analisada encontram-se, em sua íntegra, anexados ao final deste trabalho. Estes dados foram gerados em uma situação espontânea, a partir de uma conversa durante uma aula, em uma turma de Mestrado em Estudos da Linguagem, no primeiro semestre de 2013, de uma universidade particular do Rio de Janeiro. Todas as pessoas presentes na aula em questão consentiram que a gravação fosse feita, porém os nomes dos participantes foram modificados neste trabalho, por questões éticas de não revelar suas identidades.

Aproveito esta introdução para justificar que, apesar de encontrar na literatura mais ocorrências da grafia “estórias”, faço uso da palavra “histórias” com este mesmo sentido. Trata-se de uma preferência vocabular embasada na crença de que não há, em português, diferença entre os dois termos. No entanto, não modifiquei a grafia utilizada nos textos que cito, respeitando a escolha de seus respectivos autores.

Incluirei em minha análise dos dados, além da classificação dos elementos da narrativa segundo Labov (1972), a definição de *ponto*, a questão da *reportabilidade* (Labov, 1997), ou seja, de que uma história deve ser contável, assim como também as *segundas histórias* (Garcez, 2001) que surgem a partir da primeira narrativa. Trato também brevemente da noção de *avaliação* (Linde, 1997) e faço uma análise simplificada da conversa estabelecida entre os participantes, por achar que certos aspectos dessa interação se fazem notáveis e relevantes para a análise que posteriormente farei da construção da identidade da narradora.

* É mestranda em Estudos da Linguagem pela PUC-Rio.

Faz-se importante observar que nós, pessoas comuns, contamos histórias a todo o momento, em todas as situações da nossa vida pública e particular, no trabalho ou em casa, na presença de amigos e também de desconhecidos. Além de ser esta uma atividade prazerosa, ao contarmos uma narrativa estamos também construindo nossas identidades (Goffman, 1967). Sendo assim, na seção de número 6, faço uso também dos conceitos de *construção de identidade e performance* (Goffman, 1967).

2. As categorias Labovianas

Os estudos de Labov & Waletzky (1967) e Labov (1972) são pioneiros na pesquisa envolvendo narrativa. Labov (1972) define a narrativa de experiências pessoais como uma recapitulação de experiências passadas através de enunciados cuja ordem acredita-se refletir a sequência de eventos ocorridos. É preciso também que se remeta a uma experiência única e não a um hábito comum do passado. A organização do relato, segundo o autor, se dá através dos seguintes componentes estruturais:

O *resumo* é uma apresentação breve sobre o que será a narrativa. Não representa um elemento obrigatório.

A *orientação* consiste em uma contextualização da história, identificando o que aconteceu, com quem, onde e quando. A orientação tem como objetivo situar o evento que será narrado para o ouvinte. Esta também não é um elemento obrigatório na narrativa, podendo até ocorrer em outros momentos, intercalada a outros componentes da narrativa.

A *ação complicadora* é considerada por Labov (1972) a parte mais importante da narrativa. Este é o único elemento realmente obrigatório. A *ação complicadora* consiste na parte da narrativa que se refere ao que aconteceu, a partir da enumeração de orações narrativas em sequência temporal enunciadas no passado. Labov (1972) descreve que a *ação complicadora* terá que ter no mínimo duas orações narrativas, sendo considerada assim uma narrativa mínima.

A *resolução* é a parte da narrativa que apresenta a consequência da ação complicadora. Esta é a etapa de finalização da série de eventos da ação complicadora.

A *avaliação* é o momento em que o narrador indica o ponto da história, ou seja, justifica porque está contando-a e reafirma a relevância de sua história. A avaliação revela a atitude do narrador face à narrativa, enunciando o seu alinhamento perante o que ele conta. Labov (1972) faz ainda uma distinção entre avaliação externa, com a qual o narrador interrompe o curso de sua narrativa e emite uma observação avaliativa, ou seja, uma opinião, emoção, atitude, acerca do que conta, e a avaliação encaixada, na qual os elementos avaliativos podem surgir através de intensificadores como o uso de gestos ou fonologia expressiva, de intensificadores lexicais (advérbios ou adjetivos), aumentando ou diminuindo o ritmo da fala, entre outras possibilidades. A avaliação encaixada, portanto, permite que o narrador teça uma avaliação sem interromper o fluxo narrativo.

Por último, a *coda* seria a parte que demarca o fim da narrativa e que traz o narrador e o ouvinte de volta à conversa e ao momento presente da interação. Muitas vezes a coda contém julgamentos morais do narrador, ou seja, uma avaliação sobre os eventos narrados, sendo por isso também chamada de coda avaliativa.

Este esquema narrativo proposto por Labov (1972), apesar de bastante criticado por tratar da narrativa como estrutura autônoma, descontextualizada, não problematizar a relação entre o evento passado e questões de memória, por ser uma abordagem que não focaliza aspectos contextuais da narrativa referentes aos valores sócio-culturais que informam e fundamentam a própria produção discursiva, é ainda hoje muito útil e por isso tem sido revisto em muitos estudos, a partir de uma perspectiva interacional, sendo considerado um importante recurso na investigação envolvendo a relação da língua com a construção de significados na interação social através da análise de narrativa. Neste sentido, certos elementos constituintes da estrutura narrativa de Labov (1972) foram revistos e ampliados por outros autores.

Na seção 3, procuro identificar e apontar tais categorias narrativas nos dados em questão. Como mostrarei, apesar de não apresentar todos os componentes estruturais descritos por Labov (1972), a narrativa analisada é estruturada em uma seqüência temporal, tem um ponto e é contável, podendo assim ser analisada como uma narrativa nos termos do autor. Analisarei também, na seção 4, como o turno é negociado entre os participantes e que dinâmicas especiais parecem ocorrer em torno da narrativa contada.

3. Análise da narrativa

O ponto da narrativa, sua razão de ser, ou seja, o motivo pelo qual ela é contada neste caso é dado, primeiramente, pela leitura de uma passagem em um dos textos propostos para a discussão naquela dada aula. A narradora (Ana) quer, a partir da leitura de tal passagem, defender o ponto de sua futura narrativa. O seu ponto é o de que a mobilidade social e as experiências em diversas coletividades são fundamentais na determinação da experiência de vida de um indivíduo. A narradora deixa claro que acredita que a exposição do indivíduo a diversos meios e relações sociais é positiva.

Ana parece já ler a passagem com a intenção de contar a história, apesar de não fazê-lo logo após a sua leitura. Diz Sacks (1984), em “Ocupando-se em ser comum”, que nós vemos em certas experiências a oportunidade de contar uma história. É como se já planejássemos o que contar à medida que vivenciamos uma experiência, e isso é o que parece acontecer com a narradora, que talvez tenha pensado em contar esta narrativa quando lia o texto, ainda em sua casa, para se preparar para a discussão que se seguiria na próxima aula. Nas palavras de Sacks (1984, p. 169), “com certeza, você já teve a experiência de estar em cenas cuja virtude era a de, enquanto passava por ela, poder-se ver o que depois seria contado aos outros”. Segundo o autor, nós

armazenamos experiências e testemunhos que sirvam de repositório de narrativas de modo que se tenha o que contar quando a oportunidade surgir, tamanha a centralidade da narrativa em nossas vidas.

Como esclarecido no primeiro parágrafo desta seção, a narrativa apresentada aqui contém um ponto. Ela é também uma narrativa contável, ou seja, possui reportabilidade nos termos de Labov (1972), apresentando relação com o tópico da conversa proposto para aquela aula. Segundo Bastos (2004, p. 119):

“além de ter um ponto, a narrativa deve ser contável, isto é, deve fazer referência a algo extraordinário. Acontecimentos banais e previsíveis não se prestam a ser contados, não têm reportabilidade. Em circunstâncias normais, alguém contar que atravessou a rua no sinal não será tomado como algo contável; no entanto, se ele contar que foi assaltado ou que assistiu a uma briga no sinal, seus ouvintes vão aceitar a narrativa como contável.”

A narrativa é contável na situação analisada porque parece apresentar algo de certa forma extraordinário e é, certamente, pertinente à discussão da aula. É extraordinária por ser uma história que, a princípio, parece bastante distante da realidade vivida pela grande maioria dos participantes da interação. De fato, o que reforça a reportabilidade da narrativa contada é que podemos observar mais adiante, a introdução de duas outras histórias (marcadas em vermelho na transcrição em anexo), sucessivamente contadas após aquela. As segundas histórias, tratadas em maior detalhe na seção 5, reiteram que, de fato, os ouvintes aceitaram a narrativa como contável.

Com o intuito de facilitar a identificação dos elementos labovianos nos dados coletados, optei por usar marcações coloridas na transcrição. O que está marcado em azul se aproxima do que Labov (1972) classifica como resumo, mas não exatamente o é. Apesar de ser uma apresentação sobre o que será a narrativa que está por vir. Labov (1972) define o resumo como uma apresentação breve, o que não podemos dizer da apresentação encontrada nesta narrativa.

No entanto, fazendo uma adaptação ao termo “prefácio” utilizado por Sacks (1984), sugiro analisar os trechos marcados em azul como um “prefácio estratégico”, já que este também não se encaixa perfeitamente na definição de prefácio adotada por este autor.

A noção de prefácio da narrativa determinada por Sacks (1984) é a de uma negociação para se obter um turno maior para se contar uma história. Nesta narrativa, portanto, o prefácio em si, segundo a definição desse autor, seria somente a frase “Por exemplo, eu vou dar um exemplo”, encontrada na linha 12 da segunda página da transcrição e a frase “Bom aí então”, na linha 26 da mesma página. Porém, considerarei toda a marcação feita em azul como um “prefácio estratégico”, por este aparentar ser uma preparação dos ouvintes para a história que a narradora já tinha em mente contar. Parece-me que desde a leitura do trecho no texto, a narradora já está tentando negociar um turno maior para que a sua narrativa fosse contada.

O que está marcado em amarelo poderia ser avaliado como a orientação, pois situa o ouvinte, contextualizando a história e identificando o personagem em relação à narradora. O personagem é seu amigo. Logo em seguida, em verde, identificamos o que podemos classificar como a ação complicadora da narrativa, que segundo Labov (1972), corresponde à parte obrigatória deste tipo de relato. Refere-se à sequência de orações narrativas que se seguem ligadas por uma junção temporal. A ação complicadora na narrativa analisada se apresenta com cinco ações no passado, indicadas pela seguinte sequência de verbos: fez, estudou, estudou, fez e estudou, apresentados entre as linhas 31 e 33 da segunda página de transcrição. Aparentemente, a oração “e não sei o que” na linha 32 também constitui uma ação, na forma de uma expressão generalizante comumente usada na linguagem oral, sem estipular de forma clara uma ação definida.

28	Ana	[eu tenho um aluno, um amigo] que é meu amigo até hoje, nós, nós estudamos juntos
29		na graduação... lá na UERJ. Ele mora... né? no bairro onde eu trabalho, onde eu
30		trabalho na escola, no CIEP no bairro do Salgueiro em São Gonçalo. <u>Ele ainda mora</u>
31		<u>lá</u> . Então ele fez, estudou depois, ele estudou sempre em escola pública, fez vestibular
32		>não sei o que<,e estudou comigo na graduação, na UERJ.E assim, só que uma coisa
33		que eu vi muito marcada na história da vida dele foi justamente <u>a diversidade das</u>
34		<u>relações sociais que ele tinha</u> . Primeiro que ele era uma pessoa que desde novinho ele
35		saía muito de lá. Ele circulava muito porque ele tinha uma madrinha que morava não
36		sei onde, ele tinha um amigo, um amiguinho que morava não sei onde. Então assim,
37		ele tinha um contato muito dentro da região e um contato assim exterior também
38		muito forte. E eu acho que isso foi deixando pra ele... é... [não sei]
39		
40		

Em rosa estão marcados os vários momentos de avaliação. Como podemos observar, encontramos avaliação sendo realizada tanto pela narradora, quanto por alguns de seus ouvintes. A conversa é repleta de comentários avaliativos.

Na primeira marcação feita em cinza, entre as linhas 46 e 50 da segunda página e 01 da terceira página, encontramos uma fala relatada pela narradora, que também pode ser considerada uma coda demarcando o fim da narrativa, trazendo narrador e ouvintes de volta à conversa e ao momento presente da interação.

Já no final da transcrição, entre as linhas 02 e 04 da última página, podemos identificar também outra marcação em cinza, que parece ser outra coda enunciada por Rose ao final dos relatos das *segundas histórias* (em vermelho). Por conter, neste caso, o que considero “julgamentos morais” da interlocutora, esta pode ser caracterizada como uma coda avaliativa.

4. Análise da conversa

Apesar do foco do trabalho não ser a análise da conversa propriamente dita, questões relativas a trocas de turnos e à disputa pela palavra se mostraram muito interessantes e reveladoras nos dados coletados. Sendo assim, tratarei brevemente de questões teóricas a respeito de tal fenômeno conversacional e, em seguida, farei uma análise simplificada de tais características encontradas na conversa gravada. Para ilustrar e esclarecer o que estou entendendo por conversa, cito as palavras de Marega e Jung (2011):

“Antes de tudo, conversa é sinônimo de troca, de interlocução. Dois ou mais falantes se expressam numa atitude dialógica, é um jogo mútuo de palavras e ações coordenadas. A conversa é uma dança, perfeitamente organizada, em que todos conhecem a coreografia e sabem dançar muito bem, ainda que não dominem o ritmo (analogamente o tema da conversa), mas ainda assim, a estrutura permanece. A conversa pressupõe também alocação, ou seja, para quem se fala, com quem se conversa ou dança. E, por último, pressupõe a interação, isto é, o jogo de influências recíprocas que se estabelecem a partir do engajamento de ambos os participantes no diálogo, que devem se mostrar receptivos e ativos na conversa, dando sinais de entendimento ou não, de concordância, de desinteresse, de dúvida etc.” (Marega e Jung, 2011, p.321).

Sacks (1984) se ocupou da análise da conversa, das regras que regem a construção de turnos, a troca de falantes, a tomada de turnos mais longos envolvidos, por exemplo, quando vai se contar uma história e da questão da sobreposição de falas. Na conversa cotidiana, é raro os participantes falarem ao mesmo tempo por muito tempo. A premissa da sequencialidade é empiricamente sustentada na conversa, ainda que haja sobreposições de falas, a conversa pode fluir de forma inteligível e eficaz. Se um turno está em andamento e em determinado momento ocorrer o chamado “assalto” ao turno pelo interlocutor, suscitado com uma fala sobreposta ao turno anterior, na disputa pela palavra, geralmente um deles abandona o turno, como pode ser observado no seguinte exemplo:

12	Ana	Por exemplo, eu vou dar um exemplo. Eu tenho um amigo que estudou na graduação
13		[comigo,
14	Fátima	[Só pra te... sem, sem querer te interromper, eu acho que eu num:, eu fico
15		preocupada com essa associação de que é ↑só com a comunidade carente ou >só com
16		não sei o que<. Isso acontece com <u>qualquer</u> grupo. Se um grupo é muito <u>endógeno</u> , seja
17		por isso até, ↑até no nosso contexto acadêmico ou em qualquer contexto acadêmico.
18		Qualquer <u>contexto</u> period. Se diz, se um grupo é muito internamente... [preso e]
19		fechado, ele tende a, a fazer ((corte da gravação))
20		

Fátima inicia a sua fala com sobreposição à fala de Ana e “rouba” o turno para si. Ana, por sua vez, abandona o turno, concedendo-o a Fátima. O que parece interessante observar aqui é que Fátima interrompe a fala de Ana com a seguinte frase: “Só pra te... sem querer te interromper...” Na verdade, o que parece é que Fátima, apesar de sua desculpa, queria sim interromper Ana, pois como pode ser visto em alguns episódios da conversa, desde o seu início, é uma interlocutora que tende a dominar os turnos de fala, sem permitir que alguém a interrompa. Fátima, por algumas vezes, parece tentar tomar o turno de Ana, sem sucesso. Anteriormente, Patrícia havia feito uma sobreposição à fala de Ana na linha 33 da primeira página, sendo também “ignorada” por esta que mantém para si o turno. É também relevante notar o fato de que os turnos de Ana são bastante longos, reafirmando assim que a interlocutora parece mais disposta a falar do que a ouvir.

24	Ana	↑É homogênea no sentido assim, as relações sociais elas não são muito diferenciadas.
25		No sentido de que, ele tá [num contexto] social
26	Fátima	[num grupo]
27	Ana	em que, ↑praticamente todo mundo né, se não salvo algumas exceções, pensa da
28		mesma maneira, tem as mesmas perspectivas, e tudo mais. Então a orientação, social
29		dele acaba sendo menos diferenciada do que de outras pessoas que tem relações sociais
30		mais diversificadas.
31	Fátima	()
32	Ana	É aí eu comecei a pensar no quanto que isso [REFLETE]
33	Patrícia	[É a questão do
34		mendigo] que está passando fo:me↓ ((referência ao texto))
35	Fátima	[Aham, a força da comunidade]
36	Ana	[Assim, o quanto que isso é sério] e, e reflete nesse aluno dentro da escola, porque
37		assim, é, quando, eu li uma vez sobre isso, mas agora não me lembro exatamente
38		onde, da importância e passou também na televisão. Eu lembro que eu vi em alguma
39		reportagem sobre isso. O quanto que é importante essas relações sociais. Não basta
40		youê às vezes pegar um aluno que tá num contexto de uma comunidade carente e só
41		dar a ele oportunidade. Porque mesmo que ele receba dinheiro, mesmo que ele receba
42		oportunidade, se as relações sociais dele não forem diversificadas, esse aluno muito
43		pouco chance tem, tem muito poucas tem de crescer. Que eu acho que as relações
44		fazem muita diferença. No sentido dele, dele ouvir, justamente isso. ↑Várias vezes,
01		né? Ele ter acesso a vá, a outros contextos
02		
03		

5. As segundas histórias

As *segundas histórias*, bastante desenvolvidas por Garcez (2001) a partir dos trabalhos de Sacks (1984), também podem ser encontradas na narrativa analisada. Elas foram marcadas em vermelho e encontram-se na terceira página da transcrição.

Segundo Garcez (2001), as *segundas histórias* surgem como um espelhamento da escuta de uma primeira história. Para Garcez (2001), as histórias muitas vezes vêm em séries, ou, pelo menos, identifica-se que após alguém contar uma história, uma outra se segue imediatamente a ela. Em outras palavras, é comum que, após escutar uma história, o interlocutor conte outra. Isso se dá, basicamente, pelo fato de que costumamos nos lembrar de alguma coisa quando escutamos uma história e então sentimos necessidade de dizer que entendemos o que ouvimos. Desta forma também, as *segundas histórias* ratificam a primeira história como digna de ser contada. Nas palavras de Garcez (2001):

“Mais do que arrogar a si a compreensão do outro com algo como ‘eu entendo o que você quer dizer’, muitas vezes os interagentes veem relevância condicional em exibir sua compreensão do outro ao final de uma atividade narrativa de uma maneira mais robusta do que, por exemplo, simplesmente anuir à orientação de um prefácio indicativo [...] Ao contar uma segunda estória em resposta à que escutou, o participante oferece ao contador da primeira estória alguma substância subjetiva própria para exame de como a sua estória foi escutada.” (Garcez, 2001, p.200).

Sendo assim, com a função de ilustrar e ampliar o ponto da primeira narrativa e reafirmando um ouvir atento, Rose e Bianca mostram-se solidárias à Ana e contam suas *segundas histórias* em sequência. Rose inicia uma *segunda história* na linha 10 da terceira página de transcrição:

10	Rose	Em escolas, por exemplo, como o Pedro II, como onde eu tô, a IFRJ e o próprio colégio
11		São Bento, e eu acho interessante isso, porque são colégios que o que que acontece, é...
12		que as pessoas que vão estudar lá não são pessoas que moram naquela região ali. O
13		peçoal que... então tem desde o garoto da baixada fluminense como tem o menino
14		que mora no Leblon ali na Delfim Moreira. Então assim, tem uma diversidade, tudo
15		bem, é uma diversidade que, de todos que podem pagar dois mil e quinhentos reais
16		de mensalidade de escola,
17		

E Bianca inicia uma outra *segunda história* na linha 30 da mesma página:

30	Bianca	No Pedro II tinha um pai, que quando tinha festa, hhh. Era muito engraçado. hhh
31		ele tem um carro grande, aí ia buscar um em Caxias, [aí passava lá não sei aonde, aí
32		no final das contas passava pegava meu irmão na rocinha]
33		

Rose e Bianca parecem ainda solidárias entre si. Quando Bianca inicia a sua história, Rose faz uma intervenção na linha 29 (falas sobrepostas) com a intenção de reforçar que Bianca poderia também ter uma *segunda história* relevante para contar, já que era sabido anteriormente por ela que o irmão de Bianca havia estudado no Colégio Pedro II.

6. Narrativa e construção de identidade

A narrativa hoje é entendida por muitos pesquisadores da sociolinguística e de outras áreas como forma fundamental de construção, reconstrução e interpretação da realidade pessoal, social e cultural. O que busco fazer nesta seção do trabalho é ilustrar como alguns autores definem a construção de identidade a partir das nossas interações sociais, conversas e narrativas.

Para Bruner (1986), o mundo da narrativa é criado por nós. O ato de contar uma história envolve a nossa capacidade de memória a partir de filtros afetivos. Ela não representa os fatos. A nossa reportagem é seletiva e dependente do que se quer transmitir, para quem e com qual finalidade. Nós recriamos o contexto do evento narrado e sendo assim, a narrativa reflete muito mais uma construção social do que uma representação do que aconteceu.

Segundo Georgakopoulou (1997), Bruner (1986) diz que nós organizamos nossas experiências e nossa memória dos acontecimentos humanos prioritariamente através da narrativa – histórias, desculpas, mitos, motivos para fazer ou não alguma coisa e etc. Sendo assim, podemos então dizer que, por intermédio do nosso discurso, nós recriamos e reconstruímos tanto a realidade que nos cerca quanto aquilo que “somos” e o que queremos ser, assim como o que queremos que os outros achem que “somos”. Segundo Goffman (2002), “assim, quando uma pessoa chega à presença de outras, existe, em geral, alguma razão que a leva a atuar de forma a transmitir a elas a impressão que lhe interessa transmitir” (Goffman, 2002, p.13). Coloco a palavra “somos” entre aspas, pois, na verdade, a nossa identidade também se torna fluida devido às possibilidades de reconstruí-la a partir de nossas performances.

As identidades individuais são vistas não como meramente representadas através do discurso, mas, ao invés disso, como performadas, atuadas e expressas por uma variedade de meios linguísticos e não linguísticos. Uma das importantes tendências nos estudos da identidade tem sido o desenvolvimento de uma visão anti-essencialista do “self” e segundo Bucholtz, lido a partir de De Fina (2006), os estudos de gênero têm contribuído imensamente para a nossa rejeição pós-moderna do “self” como algo que a pessoa possui e que representa algum tipo de essência vital da pessoa.

Goffman (2002) também examina como os participantes de interações se constroem na cena social, utilizando a metáfora da ação teatral. O autor delinea a relação entre narrador e audiência e define a “representação de eu” como toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes, alguma influência.

A partir das perspectivas citadas acima, desenvolvo uma breve análise da construção de identidade da narradora no contexto da conversa transcrita e da ordem social aparentemente construída naquele ambiente. Para tal, oriento-me por uma visão sócio-interacional do discurso, segundo a qual, como mencionada por Bastos (2005),

ajuda a compreender como os indivíduos, na interação com os outros, coconstroem tanto suas identidades quanto a ordem social que os cerca.

Como membro integrante da comunidade de fala de onde os dados foram coletados, faço uma análise a respeito da construção da identidade da narradora sem poder me isentar do meu convívio com ela durante todo o semestre em que cursamos a disciplina juntas. Como já dito anteriormente na seção ANÁLISE DA CONVERSA, Ana é uma interlocutora que tende a dominar os turnos de fala e isso pode dizer muito sobre sua identidade como aluna, como participante daquele ambiente institucional. Pode ser que ela não aja da mesma forma quando engajada em conversas em outros ambientes e outras situações da sua vida pessoal ou profissional, mas ali, na sala de aula, representando o papel de aluna, Ana quer sempre expor a sua opinião, tem sempre algo para dizer e alguma história para contar.

Analisando o processo de construção da identidade social, Goffman (2002) reforça o argumento de que a identidade de um determinado indivíduo é construída a partir dos parâmetros e expectativas estabelecidos pelo meio social e, como em um meio social de atividade acadêmica realmente espera-se que os alunos sejam participativos, críticos, que expressem suas opiniões, talvez esse seja o motivo da atitude tão participativa de Ana.

No entanto, me parece que Ana além de participativa, sempre procura embutir e reforçar em seus discursos o seu papel de professora de uma escola pública no subúrbio do Rio de Janeiro. Apesar de não ter enunciado aqui nesta fala ela comumente se identifica como moradora dessa mesma comunidade onde trabalha.

28	Ana	[eu tenho um aluno, um amigo] que é meu amigo até hoje, nós, nós estudamos juntos
29		na graduação... lá na UERJ. Ele mora... né? no bairro onde eu trabalho, onde eu
30		trabalho na escola, no CIEP no bairro do Salgueiro em São Gonçalo. <u>Ele ainda mora</u>
31		<u>lá</u> . Então ele fez, estudou depois, ele estudou sempre em escola pública, fez vestibular
32		>não sei o que<,e estudou comigo na graduação, na UERJ.E assim, só que uma coisa
33		que eu vi muito marcada na história da vida dele foi justamente <u>a diversidades das</u>
34		<u>relações sociais que ele tinha</u> . Primeiro que ele era uma pessoa que desde novinho ele
35		saía muito de lá. Ele circulava muito porque ele tinha uma madrinha que morava não
36		sei onde, ele tinha um amigo, um amiguinho que morava não sei onde. Então assim,
37		ele tinha um contato muito dentro da região e um contato assim exterior também
38		muito forte. E eu acho que isso foi deixando pra ele... é... [não sei]
39		
40		

Não me parece nada fácil a função a que me propus, a de analisar a identidade criada por Ana, já que o caráter multidimensional e dinâmico da identidade dificulta a sua delimitação e a sua definição. Nas palavras de Goffman (2002), é isto que lhe confere sua complexidade, mas também o que lhe dá sua flexibilidade. A identidade

conhece variações, presta-se a reformulações e até a manipulações.

Tendo a identidade um caráter mutável, não absoluto, mas relativo, acredito, no entanto, que ela pode ser vista como um meio para se atingir um objetivo. Portanto, o indivíduo, enquanto ator social, em função de sua avaliação da situação, pode utilizar seus recursos de identidade de maneira estratégica. E isso, posso avaliar, que Ana faz muito bem. Ana é de fato uma eficiente contadora de histórias e, de maneira estratégica, usa um longo prefácio para justificar a importância de contar aquela história. Com persistência, enfim, na linha 28 da segunda página da transcrição, Ana consegue contar a sua narrativa muito eficazmente, envolvendo os demais interlocutores e ilustrando o seu ponto, de que a exposição do indivíduo a diversos meios e relações sociais é positiva. Dessa forma, como vimos anteriormente, Ana consegue o aval dos demais interlocutores e inclusive a reafirmação de que a sua história era digna de ser contada, por meio do surgimento das *segundas histórias*.

Como a comunicação há muito tempo deixou de ser vista como uma atividade centrada no falante e passou a ser entendida como algo que acontece no espaço interacional entre falante e ouvinte, o contexto, dessa maneira, também passou a ser entendido como crucial para a análise de uma conversa. Observando-se esta e muitas outras conversas face a face engendradas por falantes e ouvintes em situação social, entendemos que o discurso é continuamente construído por todos aqueles que participam de um contexto de fala. Desta forma, observa-se que a comunicação face a face requer um engajamento de todos os participantes – falantes e ouvintes, como foi bem ilustrado aqui a partir dessa transcrição.

Abordando também diferentes dimensões do ato de contar histórias, Linde (1993) retoma e revisa o esquema de Labov (1972), focalizando a narrativa a partir da noção de história de vida como unidade oral da interação social, através da qual, criamos nossas identidades. A autora destaca o aspecto heterogêneo e descontínuo das histórias que são construídas e transformadas a cada situação interacional de narração, acrescentando novas experiências pessoais ou reinterpretando antigas situações. Fico aqui a especular até que ponto Ana se “apropria” de uma história de vida de seu amigo, revelando aos interlocutores ao invés de uma autobiografia, como cita De Fina (2006), uma biografia da vida alheia. Quantas vezes Ana já teria contado essa história? O quanto ela já foi reinterpretada? Sacks (1984) aborda a questão de apropriação da história alheia da seguinte forma:

Uma maneira de ver a questão é perguntar: o que acontece a histórias como essa uma vez que são contadas? Tornam-se propriedade do destinatário da mesma forma que pertencem a quem as conta? Isto é, quem conta tem o direito de contar a história, e, ao fazê-lo, dá suas credenciais (para seus direitos de contar a história) mencionando o fato de que viram, o evento de que o sofreram. Agora a pergunta é: o destinatário de uma história vem a possuí-la da maneira que o narrador a possui, ou seja, pode o destinatário contá-la para outrem, ou senti-la como o narrador se sente por aqueles eventos? (Sacks, 1984, p.176).

Como a própria narradora relata em uma fala reportada, a história já havia sido tema de conversa entre ela e o personagem da história, seu amigo. Como vimos anteriormente, certamente devido a questões de memória e de seleção do que consideramos relevante, recriamos a realidade e as histórias a cada vez que a contamos. Se entendermos, portanto, que Ana tem o direito de se apropriar dessa história que lhe foi contada um dia, entendemos também que é de direito dela recriá-la a partir de suas próprias convicções, não importando até que ponto esta estabelece uma relação de veracidade e semelhança com a história “original”.

46	Ana	Pra que ele pudesse desenvolver esse olhar. <u>E chegar onde ele chegou.</u> E ele mesmo
47		falou pra mim assim “eu acho que isso, isso foi um dos grandes diferenciais da minha
48		vida. Que até me diferem de outras pessoas que estudaram comigo, na mesma escola
49		pública que eu estudei, que moravam perto da minha casa, que tiveram as mesmas
50		oportunidades que eu tive”, assim, em termos de,
01		

Por fim, ampliando o conceito de Labov (1972), Linde (1997) define *avaliação* como a instância na qual o falante indica o significado social ou valor de uma pessoa, coisa, evento ou relacionamento. Neste mesmo turno de fala, podemos além de encontrar a fala reportada inserida como uma coda pela narradora, uma avaliação anterior a ela, iniciada ainda na linha 40 e se estendendo até a linha 46, quando a narradora encerra a sua *avaliação* e dá início à *coda*.

7. Considerações finais

A elaboração deste artigo me ajudou a construir conceitos a respeito da centralidade da narrativa em nossas vidas e da própria construção de nossas identidades diante dos diferentes contextos em que nos encontramos a todo o momento e diante dos diversos interlocutores com quem estabelecemos interação.

Este trabalho, em especial a experiência de gerar dados, transcrevê-los e analisá-los, trouxe-me reflexões importantes acerca da narrativa e seus estudos a partir de uma perspectiva sócio-interacional. Para todos nós, linguistas, que nos interessamos pela interação e, conseqüentemente, pelos episódios conversacionais e narrativos, e entendemos este último como a forma de organização básica da experiência humana, a partir da qual se pode estudar a vida social em geral (Bastos, 2005), é sempre um prazer a realização de um trabalho como este, no qual ficamos imersos em reflexões das mais interessantes possíveis acerca da linguagem e de como somos “criados” por ela e, ao mesmo tempo, de quanto a usamos para criar todas as experiências às quais estamos sujeitos.

Criamos também a nós mesmos através da linguagem. Parece paradoxo, mas na verdade vivemos uma dupla função com a linguagem e, em especial,

com as narrativas que contamos. Ao mesmo tempo em que tudo criamos com elas, somos, por outro lado, totalmente criados pelas mesmas.

Referências

- BAUMAN, Richard. *Story, performance and event: contextual studies of oral narrative*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- BASTOS, L. C. Narrativa e vida cotidiana. In: *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 118-127, 1º sem. 2004.
- BASTOS, L. C. Contando estórias em contextos espontâneos e institucionais – uma introdução ao estudo da narrativa. In: *Calidoscópio*, vol.3 (2) .São Leopoldo: UNISINOS, 2005.
- BRUNER, J. *Acts of meaning*. Cambridge: Harvard University Press, 1990.
- BRUNER, J. *Actual minds, possible words*. Cambridge: Massachussets: Harvard University Press, 1986.
- DE FINA, A. Group identity, narrative and self-representations. In: *Discourse and Identity*, A. De Fina, D. Schiffrin, and M. Bamberg (eds.), 351-375. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- GARCEZ, Pedro M. Deixa eu te contar uma coisa: o trabalho sociológico do narrar na conversa cotidiana. In: RIBEIRO, Branca Telles et al. *Narrativa, identidade e clínica*. Rio de Janeiro: IPUB-CUCA, 2001. p. 189-213.
- GEORGAKOPOULOU, A. Narrative. In: VERSCHUEREN, Jef et al. (Org.). *Handbook of pragmatics*. Amsterdã e Filadélfia: John Benjamins, 1997.
- GOFFMAN, E. *Interactional Ritual Essays on face to face behaviour*. New York, Panteon, 1967.
- GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002. Tradução de Maria Célia Santos Raposo.
- LABOV, W. The transformation of experience in narrative syntax. In: LABOV, W. *Language in the inner city*. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.
- LABOV, W.; WALETZKY, J. Narrative Analysis: oral versions of personal experience. In: HELM, J. (Org.). *Essays on the verbal and visual arts*. Seattle: University of Washington Press, 1967.
- LABOV, W. *Some further steps in narrative analysis*. Journal of Narrative and Life History. 7 (1-4) : 395 – 413, 1997.

LINDE, Charlotte. *Life stories*. The creation of coherence. New York, Oxford University Press, 1993.

LINDE, Charlotte. Evaluation as linguistic structure and social practice. In: B.L. Gunnarsson, P. Linell & B. Nordberg (Eds.). *The Construction of Professional Discourse*. London: Longman, 1997.

MAREGA, L.M.P; JUNG, N.M. A sobreposição de falas na conversa cotidiana: disputa pela palavra? In: *Veredas on line – Atemática – 1/2011*, P. 321-337 – PPG Linguística/UFJF – Juiz de Fora.

SACKS, H., SCHEGLOFF, E. & JEFFERSON, G. *A Simplest Systematics for the Organization of Turn Taking for Conversation*. *Language*, v. 50, n. 4, p. 696-735, 1974.

SACKS, Harvey. On doing “being ordinary”. In: ATKINSON; J. Maxwell; HERITAGE, John (Org.). *Structures of social action*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984 – Tradução: Felipe Portela, Priscilla Pellegrino e Vívian Gomes. Em *Veredas on line – Atemática – vol. 1/2007*, p.165-181 (ISSN1982 – 2243).

Anexo

– Transcrição / Data da gravação: 21/05/2013

Contexto: Aula – Mestrado em Estudos da Linguagem em universidade particular do RJ

Legenda das cores segundo análise da autora:

- Aa - azul – “prefácio estratégico”
- Aa - amarelo – orientação
- Aa - verde – ação complicadora
- Aa - rosa – avaliação
- Aa - cinza – coda
- Aa - vermelho – segundas histórias.

01	Ana	Mas olha só, Inés, olha só... na página...Inés e todo mundo [hhhh] , na página 139
02		do Baktin eu marquei uma coisa aqui,
03	Bianca	[hhhh]
04	Bianca	Ah, do Baktin
05	Fátima	Peraí do Baktin,
06	+ de 1 part.	[()]
07	Ana	[Super séria no texto]
08		[Da Freitas]
09	Bianca	Da Freitas? . ↓da Freitas?
10	Fátima	Essa é?
11		Na 139, não, eu vou até ler se não achar. Que eu até marquei porque eu pensei no
12		meu con, no contexto que eu trabalho. No, no lado direito né, no segundo, primeiro
13		parágrafo. Porque começa com a continuação dele. <“Baktin concluiu que o grau
14		de consciência, de clareza, de acabamento formal da atividade mental é diretamente
15		proporcional ao seu grau de orientação ↑social. Portanto, quanto mais forte, mais
16		bem organizada e diferenciada for a ↑coletividade... no interior da qual o indivíduo
17		se ↑orienta, mais distinto e complexo será o seu mundo interior.”> ((texto lido)) Aa
18		eu achei assim esse parágrafo super sério. No sentido de que assim, quando você pensa
19		num aluno de escola pública, a orientação social que ele tem, é mu:ito homogênea. E aí,
20		eu tinha lido, outro, uma vez, outro, um autor, [mas agora acho que eu...] depois ()
21		
22		
23	Fátima	[homogênea é o forte né?]
24	Ana	↑É homogênea no sentido assim, as relações sociais elas não são muito diferenciadas.
25		No sentido de que, ele tá [num contexto] social
26	Fátima	[num grupo]
27	Ana	em que, ↑praticamente todo mundo né, se não salvo algumas exceções, pensa da
28		mesma maneira, tem as mesmas perspectivas, e tudo mais. Então a orientação, social
29		dele acaba sendo menos diferenciada do que de outras pessoas que tem relações sociais
30		mais diversificadas.
31	Fátima	()

32	Ana	E aí eu comecei a pensar no quanto que isso [REFLETE]
33	Patrícia	[É a questão do
34		mendigo] que está passando fo:me↓ ((referência ao texto))
35	Fátima	[Aham, a força da comunidade]
36	Ana	[Assim, o quanto que isso é sério] e, e reflete nesse aluno dentro da escola, porque
37		assim, é, quando, eu li uma vez sobre isso, mas agora não me lembro exatamente
38		onde, da importância e passou também na televisão. Eu lembro que eu vi em alguma
39		reportagem sobre isso. O quanto que é importante essas relações sociais. Não basta
40		você às vezes pegar um aluno que tá num contexto de uma comunidade carente e só
41		dar a ele oportunidade. Porque mesmo que ele receba dinheiro, mesmo que ele receba
42		oportunidade, se as relações sociais dele não forem diversificadas, esse aluno muito
43		pouco chance tem, tem muito poucas tem de crescer. Que eu acho que as relações
44		fazem muita diferença. No sentido dele, dele ouvir, justamente isso. ↑Várias vozes,
01		nê? Ele ter acesso a vá, a outros contextos
02		
03		
04	Fátima	Acho que é o que a Renata falou logo na primeira () sessão, dar sempre o mesmo
05		tipo de informação, o mesmo tipo de [()]
06	Patrícia	[do funk]
07	Fátima	só funk e tal e que não abre pra ballet, não abre pra [outro tipo de contatos com
08		outras vivências]
09	Ana	[É mas eu acho que assim, vai além até da questão da informação.] [eu acho que]
10		
11	Fátima	[Não, eu sei,]
12	Ana	Por exemplo, eu vou dar um exemplo. Eu tenho um amigo que estudou na graduação
13		[comigo,
14	Fátima	[Só pra te... sem, sem querer te interromper, eu acho que eu num:, eu fico
15		preocupada com essa associação de que é ↑só com a comunidade carente ou >só com
16		não sei o que<. Isso acontece com qualquer grupo. Se um grupo é muito endógeno, seja
17		por isso até, ↑até no nosso contexto acadêmico ou em qualquer contexto acadêmico.
18		Qualquer contexto period. Se diz, se um grupo é muito internamente... [preso e]
19		fechado, ele tende a, a fazer ((corte da gravação))
20		
21	Júlia	[fechado]
22	Fátima	() é assim cria o seu, formar o doutor aqui, ou esse doutor () não sei o que, pra
23		certos critérios que avaliam esse tipo de coisa↓... não é das melhores condições. ↑Não
24		é por favoritismo, é porque as ideias não circulam. Exatamente o que você [tá dizendo]
25		
26	Ana	[Bom aí então]
27	Fátima	[Então continua. Entendeu?]

28	Ana	[eu tenho um aluno, um amigo] que é meu amigo até hoje, nós, nós estudamos juntos
29		na graduação... lá na UERJ. Ele mora... né? no bairro onde eu trabalho, onde eu
30		trabalho na escola, no ciep no bairro do Salgueiro em São Gonçalo. Ele ainda mora
31		lá. Então ele fez, estudou depois, ele estudou sempre em escola pública, fez vestibular
32		>não sei o que<, e estudou comigo na graduação, na UERJ. E assim, só que uma coisa
33		que eu vi muito marcada na história da vida dele foi justamente a diversidade das
34		relações sociais que ele tinha. Primeiro que ele era uma pessoa que desde novinho ele
35		saía muito de lá. Ele circulava muito porque ele tinha uma madrinha que morava não
36		sei onde, ele tinha um amigo, um amiguinho que morava não sei onde. Então assim,
37		ele tinha um contato muito dentro da região e um contato assim exterior também
38		muito forte. E eu acho que isso foi deixando pra ele... é... [não sei]
39		
40		
41	Fátima	[()]
42	Ana	Entrando esses insights, assim, que foi abrindo. Mesmo que inconscientemente, que
43		quando ele era novinho ele não tinha essa consciência, [né?]
44		
45	Fátima	[Sei]
46	Ana	Pra que ele pudesse desenvolver esse olhar. E chegar onde ele chegou. E ele mesmo
47		falou pra mim assim “eu acho que isso, isso foi um dos grandes diferenciais da minha
48		vida. Que até me diferem de outras pessoas que estudaram comigo, na mesma escola
49		pública que eu estudei, que moravam perto da minha casa, que tiveram as mesmas
50		oportunidades que eu tive”, assim, em termos de,
51		
52	Fátima	É, isso é muito interessante
53	Fátima	[Mas às vezes, as pessoas buscam]
54	Ana	[“e mas as minhas relações sociais”]
55	Fátima	outras vezes acontece, com questão de família, que por algum acaso tem parentes em
56		diferentes bairros, ou diferentes regiões do país, ou NO MUNDO, [né? E isso abre,]
57		
58	Bianca	[Acho que a escola faz diferença]
59	Rose	[Isso faz diferença]
60	Rose	Em escolas por exemplo, como o Pedro II, como onde eu tô, a IFRJ e o próprio colégio
61		São Bento, e eu acho interessante isso, porque são colégios que o que que acontece, é...
62		que as pessoas que vão estudar lá não são pessoas que moram naquela região ali. O
63		pessoal que... então tem desde o garoto da baixada fluminense como tem o menino
64		que mora no Leblon ali na Delfim Moreira. Então assim, tem uma diversidade, tudo
65		bem, é uma diversidade que, de todos que podem pagar dois mil e quinhentos reais
66		de mensalidade de escola,
67		
68	+ de 1	Uieee
69	part.	Hhh

20	Rose	É... mas de qualquer maneira eu acho que é interessante, entendeu. Eu acho interessante
21		porque assim, meu filho estuda. Eu não pago dois mil e quinhentos porque a gente
22		conseguiu, me concederam a bolsa, pra ele continuar com bolsa porque eu dei aula
23		lá. Mas assim, eu acho super interessante porque eles vão se reunir no final de semana
24		af vem o menino que mora lá em Nova Iguaçu, o que mora em Duque de Caxias, o
25		que mora no Flamengo, ele que mora na Tijuca, sabe assim? É uma diversidade, eu
26		acho ↑tão legal isso
27		
28	Bianca	[Eu vi isso muito com o meu irmão]
29	Rose	[O Pedro II também é assim né?]
30	Bianca	No Pedro II tinha um pai, que quando tinha festa, hhh. Era muito engraçado. hhh
31		ele tem um carro grande, aí ia buscar um em Caxias, [aí passava lá não sei aonde, aí
32		no final das contas passava pegava meu irmão na rocinha]
33		
34	Fátima	[o que aqui na PUC não acontece. Eu me lembro do seu, da sua despedida do Pet,]
35		isso aqui na PUC não acontece,
36		
37	Rose	[... não acontece]
38		
39	Eliana	[↑agora eu acho que tá muito mais]
40	Fátima	é nem convidam todo mundo
41	Rose	[Mas eu acho isso assim tão rico...]
42	Eliana	[no nosso nível eu acho diferente. Porque a ideia é abrir mesmo]
43	Rose	[Eu vejo assim na turma uma pessoa que é da Penha], uma pessoa de São Gonçalo,
44		tinha um menino que era de Volta Redonda que vinha passar só a semana aqui. Um
45		de Macaé, sabe assim? É uma diversidade, [uma coisa assim]
46		
47	Fátima	[Que máximo]
48		
01	Rose	Eu acho isso assim muito legal. E assim, eu acho que isso as vezes é pra gente chamar
02		atenção né, dessa, dessa, porque talvez eles não deem esse valor, não percebam isso,
03		como por exemplo o seu amigo está consciente disso hoje.
04		